

ASFOC FIOCRUZ



Show de Geraldo Azevedo na semana do trabalhador marcou o início de uma nova fase das atividades culturais da ASFOC



Projeto Cultural
ASFOC



LANÇAMENTO NO DIA 6 DE JULHO

Todos os caminhos levam a Roma

O último Informativo do Fórum de C&T cita uma nota publicada no jornal "O Globo", de 17 de julho, revelando que "o Ministro da Ciência e Tecnologia, Ronaldo Sardenberg, entrou na lista de prováveis sucessores do diplomata Paulo Tarso Flecha de Lima na embaixada do Brasil em Roma". O Informativo do Fórum acrescenta que "é voz corrente entre os servidores do MCT que este é o motivo do aparente desinteresse do Ministro em relação as negociações para aumento da GDACT e sua extensão para os aposentados e pensionistas".

Há algumas semanas, o Ministro aparecia em outra "lista", a dos Ministros que devem ser substituídos no esforço pré-eleitoral de recomposição da base governista de FHC.

Nós sabemos, há muito mais tempo, que não podemos contar com o Ministro para que a carreira de C&T tenha o reconhecimento que merece. Foi ele que aceitou calado o rompimento do acordo e que o CPC fosse desautorizado como instância máxima de decisões que valorizem nossa carreira e o trabalho que realizamos com dedicação e seriedade. Enfim, é alguém à frente de um Ministério fraco e desprestigiado.

Tudo isso na contracorrente do discurso oficial. O governo FHC anuncia que

o desenvolvimento científico e tecnológico é prioridade, que recursos virão e políticas governamentais estarão disponíveis. Está programada uma grande Conferência Nacional "Ciência e Tecnologia para a Inovação", que será realizada, de 18 a 21 de setembro, em Brasília.

Belo discurso. Na prática, nossos governantes estão interessados no presente, em explorar já e ao máximo nossas riquezas e nosso trabalho, em garantir o lucro rápido de poucos e sacrificar, cada vez mais, a vida de quem produz.

Na prática, para nós que fazemos o trabalho necessário a este avanço, só resta lutar muito para romper a forma injusta como somos tratados. Ninguém nos dá nada, nem nunca nos deu. Tudo que temos é preciso conquistar no dia-a-dia.

Temos a nosso favor o reconhecimento da sociedade por nossa dedicação em contribuir para que cada ser humano tenha melhores condições de vida e chances verdadeiras de se desenvolver.

É nosso compromisso e não podemos nos calar em busca de um caminho que nos leve a Roma (ou a Brasília), negociando uma passagem ao centro do poder.

O Ministro José Serra é candidato, mais que assumido, a sucessor de Fernando Henrique. Por mais que isso pareça de uma lógica fria, temos que levar este fato

em conta em nossos cálculos políticos. Serra já disse mais de uma vez que apoia nossas reivindicações por melhores salários. Já está quase passando da hora de provar isso.

Um candidato à Presidência da República não pode esperar ganhar a confiança da população se não consegue ser justo com seus auxiliares mais próximos.

Somos dezenas de milhares de trabalhadores na área da saúde. Trabalhamos em contato direto com milhões de brasileiros, fazemos o melhor possível e exigimos respeito e remuneração digna por nosso trabalho. No entanto, particularmente nós que trabalhamos na Fiocruz, vemos nossos direitos - como os precatórios do Bresser, por exemplo - insistentemente negados de forma mesquinha e humilhante.

Voltando a conferência de setembro, ela pode ser uma oportunidade de corrigir a estratégia governamental ao menos na área de C&T. A ASFOC tem estimulado, tanto no CD-Fiocruz quanto no Fórum de C&T, que os trabalhadores da área tenham uma participação qualificada na Conferência, que tem entre seus temas "Formação, capacitação e fixação de recursos humanos". Cada um de nós pode e deve contribuir, apresentando análises e propondo possíveis soluções para os problemas existentes.

A Diretoria

ESPAÇO UNIFOC

Você também é responsável

Antonio Humberto da Costa

Não tem sido nada fácil para nós, dirigentes da UNIFOC, dialogar com nossos associados sobre a grave crise financeira que envolve a todos, em função do não-cumprimento, por parte das autoridades governamentais, das decisões judiciais que nos favorecem e legitimam o direito de todos - ativos e aposentados - no que concerne aos amparos estabelecidos em Leis e que, esse Governo, tão democrático e tão transparente, teima em não cumprir.

O Bresser não deveria mais ser questionário, a medida em que o próprio Governo reconhece o nosso direito e autoriza o seu pagamento (26,06%), constante nos nossos contracheques, o que chamamos de "Bressinho".

A AGU, sem nenhuma base legal, uma vez que, Processo, depois de transitado e julgado, não cabe mais recurso; ora contesta cálculos - montante da dívida - ora o período a que temos direito.

Os dois Planos Econômicos, correção dos FGTS, o Supremo Tribunal Federal já decidiu e determinou que seus pagamentos sejam efetuados. A douta equipe econômica, como não tem o que discutir sobre a decisão do STF, apenas ainda não decidiu a partir de quando (?) iremos recebê-los.

A GDACT, paga até dezembro, foi suspensa e não contemplava os aposentados; segundo informações que nos foram prestadas, além da ASFOC, outras Instituições da área de Ciência e Tecnologia, também lutam para que a mesma venha a ser estendida aos aposentados.

Os 28,86% apenas os que optaram em receber parceladamente, foram, de certa forma, favorecidos.

Por fim, vale lembrar que o Brasil, hoje, enfrenta os problemas dos apagões e do racionamento. Pense e dê, também, sua parcela de contribuição: aprenda a votar nas próximas eleições.

j u r í d i c o

28,86 %

A Advocacia Geral da União conseguiu impedir que os 28,86 % entrassem no orçamento da União para este ano. Agora vamos apresentar o cálculo integral de todos os valores contemplados pela sentença, mas só para os servidores que não assinaram o acordo. Cerca de 500 servidores serão beneficiados com a inclusão deste pagamento no orçamento de 2002. Para tanto, estes servidores deverão trazer à ASFOC as cópias de seus contracheques de janeiro de 1993 a setembro de 1998.

FGTS

Como foi divulgado na imprensa, o governo definiu que o pagamento do FGTS será parcelado. A orientação do Departamento Jurídico da ASFOC para os servidores é de não aceitar o acordo. Nossos advogados entrarão com uma nova ação para contemplar todos que descontavam FGTS no período de 1988 a 1992, além da existente proposta pelo Ministério Público e a da ASFOC para os servidores que levantaram o valor principal em 1992.

Tabela do Imposto de Renda

O Juiz Federal Wilney Magno de Azevedo expediu, em maio, uma ordem judicial para a implementação da nova tabela do Imposto de Renda nos contracheques dos servidores. O Departamento está intercedendo junto à Presidência da Fiocruz para que a ordem seja cumprida imediatamente.

Ampliação das instalações

A sala do Departamento Jurídico passou por uma reforma e foi ampliada para proporcionar um melhor atendimento aos associados. O horário de atendimento também foi ampliado. O atendimento para ações na área cível (divórcio, pensão, separação, alimentação, etc.) é feito, de 10 às 14 horas, às terças-feiras com a Dr^a. Ana Paula e quintas-feiras com o Dr. Pedro. O atendimento de ações para servidores públicos é também de 10 às 14 horas, às quintas-feiras com o Dr. Arão.

Ressarcimento por acordos irregulares

A ASFOC começou a ser ressarcida por acordos trabalhistas conduzidos irregularmente pelo antigo advogado da ASFOC, Marcus Donnici. A atual equipe jurídica da associação apurou irregularidades em diversos processos e a ASFOC será restituída em um total de R\$325 mil. Os primeiros R\$135 mil já foram pagos e o restante virá parcelado em seis meses a partir de julho.

E x p e d i e n t e

DIRETORIA DA ASFOC - 2001/2002

Rita Mattos: *Diretora Geral*
Leila Mello: *Vice-Diretora*

Cristiane Maria de Freitas Moneró: *Diretora Secretária*
Vânia C. Dornelles Buchmuller: *Diretora Administrativa*
Júlio César C. Bandeira de Mello: *Diretor Sócio-Cultural*
Justa Helena Braga Franco: *Diretora de Assistência*
João Carlos B. R. Freitas: *Diretor de Esportes*

SUPLENTE

Ludmila Stalleikem Sebba, Luiz Maurício Baldacci, Janine Miranda Cardoso, Mário Santos Moreira, Marta de Jesus Silva, Afonso Cesar Woyames, Rogério Lannes Rocha

CONSELHO FISCAL

Anna Beatriz de Sá Almeida, Marco Antonio C. Menezes, Rugimar Marcovistz, Angela Maria Vieira da Silva, Marilene F. Costa

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Tels: (21) 290-7347 - 598-4231

Editor: Gustavo de Carvalho (Mtb 17627)

Repórter: Liana Carvalho

Programação Visual: Flávio Tavares

Divulgação: Alexandre Costa

Impressão: Gráfica Folha Dirigida

As informações contidas nos artigos assinados e informes publicitários são de inteira responsabilidade de seus autores.

Novas diretrizes para o FioPrev

Em seu discurso de posse, no dia 24 de abril, o novo Diretor-Superintendente do FioPrev, Carlos Magno Ramos, definiu as três diretrizes principais para os quatro anos de sua gestão: Atuar em integração com a Patrocinadora (Fiocruz), com o Conselho Fiscal, com o Conselho de Curadores e com a ASFOC; adotar uma gestão técnica e profissional; e pensar e conduzir o FioPrev estrategicamente. Nesta entrevista, Carlos Magno diz como espera implementar essas diretrizes.

Em relação à integração com a patrocinadora, o Sr. acha que a participação da Fiocruz pode aumentar, por exemplo, retomando o Programa de Saúde do Trabalhador, que prevê a utilização de serviços já prestados pela Fundação, como exames e consultas? Isso não seria uma forma de diminuir os custos para o servidor?

A relação com a patrocinadora se materializa em função de duas vertentes. Uma delas é na formulação de estratégias e na capacitação técnica de nossos funcionários, para isso deve ser assinado brevemente um convênio com a ENSP. Outra vertente é a interface com a área de saúde do trabalhador, a nossa idéia é que a patrocinadora, enquanto empregadora, tem obrigações nesta área, como a realização de exames periódicos, acompanhar o estado de saúde dos servidores e até o atendimento e o socorro em casos mais complicados. O que queremos é aproveitar isso como estratégia de promoção da saúde junto com a Fiocruz, usando as informações que vem dos exames periódicos, montando uma estrutura que não fique só no atendimento. Isso vai nos permitir conhecer quem são essas pessoas, como elas adoecem, ganhando uma condição de intervenção e atendimento muito mais qualificada e dirigida. Além disso, grande parte dos exames podem ser feitos aqui nas Unidades da Fiocruz, isso nos dá também uma margem de negociação boa para reduzir custos nos exames que tiverem de ser feitos fora daqui.

Na medida em que seja implantada essa ação conjunta entre saúde do trabalhador e Fio-Saúde, com certeza vai trazer redução de custos para Fiocruz e para o plano de saúde, na medida em que pudermos evitar que as pessoas adoeçam com este acompanhamento.

Quais são suas expectativas em relação aos Conselhos e à ASFOC?

Uma coisa é manter os conselheiros informados formalmente e oficialmente, com a remessa de documentos e participação em reuniões, naturalmente isso prejudica o trabalho de integração e de deliberação. A estratégia que adotamos é não nos limitarmos a esta formalidade e aproveitarmos a experiência dos conselheiros, para discutirmos situações específicas conforme suas áreas de atuação. Por exemplo, o novo Presidente do Conselho de Curadores, Miguel Murad, tem uma grande experiência na área de informação em saúde e vamos pedir sua ajuda nessa área, para incorporar a questão epidemiológica na avaliação dos serviços que prestamos. Um ou-



Carlos Magno espera conciliar gestão técnica e profissional com um atendimento mais acolhedor ao usuário

tro conselheiro que tenha mais experiência na área administrativa também vai ser chamado para nos ajudar a pensar nossa estrutura administrativa.

Isso também será feito em relação ao Conselho Fiscal, embora ele tenha uma atuação mais técnica, também vamos procurar ter um contato mais estreito com os conselheiros, porque por trás dos números existem questões que são importantes de esclarecer.

Sobre a ASFOC, primeiro quero dizer que acho muito bom que ela exista, não só pela defesa dos direitos do servidor, mas também pelo papel que a ASFOC pode ter com relação ao atendimento do FioPrev e à assistência do Fio-Saúde. Na reunião que tivemos com a Presidência e a ASFOC, uma das demandas era a mudança na postura, na linha de se buscar um atendimento mais acolhedor. Na verdade a ASFOC, em determinados momentos, funciona como uma espécie de ombudsman, que está sempre em contato com os servidores, ouvindo queixas e pedidos de esclarecimentos.

É claro que a ASFOC nem sempre tem condições de dar respostas, mas estamos dispostos a encontrar soluções, talvez até criando um plantão de atendimento na ASFOC, com alguém do FioPrev para tirar dúvidas e dar esclarecimentos. Vemos a ASFOC como a nossa grande porta de entrada para as demandas dos servidores.

Como o Sr. espera conciliar a diretriz de adotar uma gestão técnica e profissional, com a necessidade de uma relação mais humanizada com os servidores, que inclua esse atendimento mais acolhedor do qual falamos?

A gestão técnica e profissional está relacionada com a estrutura organizacional e competência, precisamos de funcionários altamente qualificados, o que se busca em uma entidade como o FioPrev é que se tenha uma equipe enxuta, que trabalhe em cima de tecnologia de informação. Em relação ao plano de saúde, temos hoje no mercado profissionais qualificados para a atuação na área de gestão, no nosso caso com características específicas por ser uma entidade de autogestão. Temos auditores médicos, assistentes sociais, psicólogos e atendentes treinadas em telemarketing.

Temos hoje uma equipe enxuta e bem qualificada, o que precisamos é discutir é que tipo de profissional devemos incorporar para atender à demanda de um atendimento mais acolhedor. Essa é uma questão primordial, porque um atendimento mal feito derruba todo bom trabalho que estamos fazendo. Temos que trabalhar com a meta

zero de problemas de atendimento, pois somos uma entidade voltada para os nossos usuários.

Em relação à diretriz de pensar e conduzir o FioPrev estrategicamente, o Workshop realizado no dia 5 de julho trouxe alguma contribuição neste sentido?

Para realizar esta diretriz é necessário uma avaliação de conjuntura e, olhando mais para frente, uma avaliação de cenário. O Workshop - que reuniu representantes de cerca de 50 planos de autogestão de saúde, além de representantes da ASFOC, da UNIFOC e da Fiocruz - nos proporcionou uma visão bem clara da situação da autogestão de saúde. O que se verificou é que o setor como um todo vive o mesmo problema de desequilíbrio entre uma receita limitada e os custos do atendimento, que aumentam cada vez mais, pela incorporação de novas tecnologias de diagnóstico.

Outro aspecto que ficou claro é a necessidade de mudarmos a forma de contratação dos prestadores de serviço, evoluindo de uma relação de apenas comercial para uma relação de parceria. Essa é também a visão dos próprios prestadores de serviço, que já perceberam que se não for assim vão perder planos. Como desdobramento do workshop, vamos definir junto com a Fiocruz e o CIEFAS (Comitê de Integração de Entidades Fechadas de Assistência à Saúde) as áreas onde vamos iniciar estas mudanças.

Muitos servidores se queixam dos questionamentos do Fio-Saúde em relação a exames solicitados por seus médicos. Quais são os critérios utilizados para julgar a pertinência ou não de um exame?

Na verdade não existe nenhuma orientação para que nossos atendentes criem dificuldades para os usuários. Exames mais caros, de tecnologia mais avançada, são procedimentos que saem da rotina de exames. Sem sombra de dúvida quem cria a demanda por esses novos exames são os médicos e nós não vamos questionar se o profissional está certo ou não. Nossa preocupação é ajustar essa relação plano de saúde/usuário, como tratar uma questão como essa que é individual, dentro de uma gestão que é coletiva?

Sabemos que isso não é regra geral, mas em determinadas clínicas a pessoa chega com um quadro que não é grave e o médico pede, por exemplo, uma tomografia. Isso é uma coisa meio desproporcional. Nossos auditores médicos têm essa função de tentar esclarecer, até para tomarmos conhecimento do que está sendo incorporado como tecnologia de diagnóstico. Na maioria das vezes acabamos autorizando.

Na medida em que avançamos nos programas de prevenção, alguns tipos de solicitação de exames deixam de ser trabalhadas individualmente e passam a fazer parte de uma rotina, sem precisar de senha e evitando constrangimentos ao usuário. O atendimento acolhedor que falamos não se limita a forma como se fala com as pessoas, é também cada um saber que está inserido em um programa de acompanhamento de sua saúde.



Lançamento do Projeto Cultural

Conforme divulgado na campanha para eleição da ASFOC, um dos objetivos da atual Diretoria é revigorar a área do Sócio Cultural, principalmente desenvolvendo um projeto que, além de apoiar nossas atividades sindicais, possibilite a integração entre os servidores e estimule a cultura popular. Buscando sempre a melhoria da qualidade de vida, queremos que esporte, música, teatro, literatura e as artes em geral façam parte do cotidiano na FIOCRUZ. Com este objetivo algumas iniciativas já foram tomadas e outras estão sendo planejadas.

O show de Geraldinho Azevedo, encerrando a Semana do Trabalhador, no dia 4 de maio, foi uma das festas mais bonitas da ASFOC. Aqueles momentos ainda nos trazem boas lembranças e inspiração para o que vamos realizar a partir do lançamento do Projeto Cultural. O Projeto será apresentado, no dia 6 de julho, durante o happy hour no Estação ASFOC, com a participação do Grupo Goiabada Cascão, de Xangô da Mangueira e Dorina.

A apresentação dos sambistas e o pré-lançamento do Projeto Cultural no IFF (ver box), são atividades organizadas pelo produtor cultural Flávio Aniceto, recentemente contratado pela ASFOC para desenvolver o Projeto. Nessa mesma linha, o quiosque no campo de futebol será reinaugurado depois das reformas, no

dia 7 de julho, a partir das 11 horas, também com muito samba.

O Projeto Cultural também vai estar presente na Colônia de Férias, que vai de 16 a 27 de julho, com o tema "Festa Junina e Folclore". As crianças da Colônia também participam da Festa Julina da ASFOC, no dia 27, que terá ainda a presença de repentistas, grupo de forró e diversas atrações.

Muitas novidades estão sendo planejadas, entre elas, a criação da Medalha de Direitos Humanos Jorge Carelli, que será oferecida a cinco personalidades, parlamentares, lideranças sindicais e populares que se destaquem na defesa dos Direitos Humanos e Justiça Social. Este evento, tendo sempre um tema para palestra e debate, acontecerá anualmente no dia 10 de agosto, data do desaparecimento do nosso companheiro Carelli.

Comissão Cultural no IFF

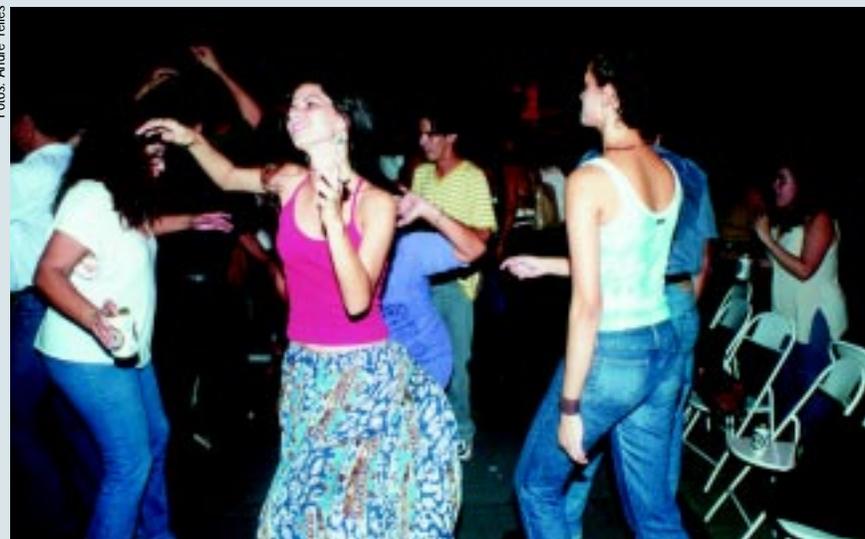
A intenção da ASFOC é estimular a formação de comissões nas Unidades da FioCruz, com o objetivo de incorporar idéias e envolver os trabalhadores no desenvolvimento do Projeto Cultural. Considerando as dificuldades geradas pela distância geográfica e pelas especificidades da unidade, esta proposta começou a ser encaminhada no Instituto Fernandes Figueira, em reunião realizada no dia 27 de junho.

A comissão cultural do IFF já está em processo de formação, ficando estabelecidas duas diretrizes básicas: Promover eventos que façam a articulação e estimulem a participação dos trabalhadores do Instituto nas atividades promovidas pela ASFOC no campus da FIOCRUZ e desenvolver atividades que atendam a demandas específicas.

O pré-lançamento do Projeto Cultural no IFF, no dia 6 de julho, já é uma dessas atividades de integração e será feito durante um almoço animado por um grupo musical. A Festa Julina da ASFOC no campus, também será antecedida por um almoço especial no dia 27. Além disso, também serão organizados grupos de caminhada, de yoga e de leitura.



Foto: André Telles



e s p o r t e s



Foto: André Telles

Caminhada

O Grupo de Caminhada da ASFOC que já esteve na Sub Sede do Parque Nacional de Teresópolis, subiu o Costão de Itacoatiara e o Morro da Urca, tem como próximo desafio o Pico do Papagaio, na Floresta da Tijuca.

Futebol

O campo da ASFOC sediará a abertura e as finais do Campeonato Empresarial de Futebol de Campo para Veteranos – mínimo 35 anos, que começa dia sete de julho, às 9h. Serão sete equipes: Cacarecos ASFOC, Veteranos ASFOC, Cemps Petrobrás, Arsenal de Marinha, Instituto Nacional de Tecnologia, Inmetro e Cotram. As partidas serão disputadas no campo do Lespan (Liga de Esportes do Arsenal de Marinha) e no campo da ASFOC. Todos jogarão contra todos e em caso de empate haverá disputa de penaltis. A final está marcada para dia primeiro de setembro no Campo da ASFOC.



1 da ASFOC

O Show de Geraldo Azevedo ainda nos traz boas lembranças e serve de inspiração para o Projeto Cultural que a ASFOC está lançando.



Concurso

para o outdoor da ASFOC

Nosso outdoor na Av. Brasil vai ser renovado e dessa vez o autor da idéia pode ser você. Bole uma frase sobre o nosso trabalho na Fiocruz e participe. O concurso está aberto a todos os trabalhadores e bolsistas da Fiocruz - exceto diretores e funcionários da ASFOC - e cada concorrente pode apresentar apenas uma frase. O edital do concurso e o prêmio serão anunciados no *happy-hour* do dia 6 de julho no Estação ASFOC.

Depois de 40 anos de futebol querem acabar com o Campo da ASFOC

A Fábrica de Vacinas da Fiocruz pretende expandir-se para onde funciona o Campo de Futebol da ASFOC. Os veteranos que transformaram, com suas próprias mãos, o pântano que lá havia em um bem drenado campo de futebol reivindicam a manutenção do espaço para as práticas desportivas dos servidores. Toninho e Barbadinho são alguns destes heróis que aterraram o pântano, construíram galerias de esgoto, forraram com grama e projetaram o sistema de drenagem para chuvas e que não querem ver destruído um sonho que transformaram em realidade há 40 anos.

“O esgoto do Hospital desaguava no pântano”, lembra Antônio José Alves, 60 anos. Toninho, como é conhecido na Fiocruz o funcionário aposentado, enfatiza que a Instituição não desembolsou nenhum recurso para o saneamento do terreno. “As pedras vieram da construção do Túnel Rebouças e a ajuda financeira veio da Caixa Beneficente dos Funcionários, conseguimos uma pá mecânica para acertar o terreno e escavar as valas para as manilhas que despejassem o esgoto no Rio Faria Timbó, isso beneficiou a Fiocruz porque acabou com os mosquitos que se proliferavam no pântano”, diz Toninho.

O campo foi construído para disputar o Campeonato do Ministério da Saúde, que tinha times da Colônia Juliano Moreira, do Hospital de Curicica e mais duas equipes do MS. As finais eram jogadas no Campo do São Cristóvão. Entre os fundadores do Campo de Futebol da ASFOC estão Fernandinho e Zé Adão (já falecidos), Aroldo, Mangueirinha, Rui, Baeta, Berá e Jacaré. Este grupo também se cotizou para adquirir todo o material esportivo, como redes, bolas, uniformes.

“Tem muito lugar para construir outros prédios, terreno é o que não falta”, analisa Toninho. Ele faz questão de esclarecer que as atividades no Campo de Futebol não atrapalham em nada o funcionamento da Fiocruz, pois “existe uma entrada independente, o visitante que vem jogar aos sábados não tem acesso à Fundação”. O campo conta ainda com cantina, vestiários para o time da casa, visitantes e árbitros, além disso novas instalações estão em construção, com área para churrasqueira, mesas e estrutura para confraternizações após os jogos.

A obra de Niemeyer será o marco da Fiocruz do século XXI

“O projeto de Bio-Manguinhos passa por cima do que foi feito por Niemeyer que é antigo (1995) e que ficaria inviabilizado com a

obra”, diz o Coordenador do Museu da Vida, Ribamar Ferreira. Ele acredita que o projeto do arquiteto de Brasília, será “o marco da Fiocruz do século XXI, assim como o castelo foi o do século XX, a obra vai encerrar a etapa da ciência em sua torre de marfim e abrir uma nova em que a população tenha acesso”. Os prédios de Bio-Manguinhos ficariam no mesmo local que o Observatório da Vida e o Pavilhão de Exposições e Interatividade, previstos para o Complexo de Difusão Cultural e Científica projetado por Niemeyer.

No memorando entregue em março ao CD Fiocruz, Bio-Manguinhos não prevê a restituição da área de lazer e integração da comunidade que o Campo de Futebol representa, deixando claro que pretende usar o terreno porque já está nivelado, com rede sanitária e infra-estrutura prontos. Já o Complexo de Difusão Cultural e Científica de Oscar Niemeyer, ocupará uma área global de 87.000 m², incluindo uma passarela de carros e pedestres sobre a Av. Brasil, além de um complexo esportivo com campos de futebol, quadras poliesportivas e piscina.

O Vice-presidente de Desenvolvimento Institucional, Informação e Comunicação, Paulo Gadelha considera que “ambos projetos são relevantes e há possibilidades de estudos para contemplar os dois”. As possibilidades estarão sendo estudadas no Plano Quadrienal da Presidência. “Estamos definindo esse programa de construções e infra-estrutura, a Presidência está estudando várias demandas de ampliação predial”, disse Gadelha, que garante que até setembro tudo estará definido.

Os prédios de Bio-Manguinhos serão subsidiados pelo Ministério da Saúde, enquanto o projeto de Niemeyer “está na dependência de recursos externos”, explica o Vice-presidente. Ele diz que “existe a possibilidade de convênios com a Prefeitura e o Governo do Estado, já que há uma carência de locais para convenções de médio porte e o projeto de Niemeyer poderia ser equacionado, através dos projetos da Prefeitura para a revitalização da área da Av. Brasil”.



Fotos: Liana Carvalho



Toninho e Profeta, Diretor de Esportes da ASFOC, querem preservar o campo de futebol, que está ganhando novas instalações para confraternizações após os jogos.



Foto: Liana Carvalho

Grupo de servidores querem escola fundamental na Fiocruz



Como surgiu a idéia da Cooperativa e qual o grau de adesão que vocês encontraram?

A idéia da Cooperativa surgiu em agosto de 1999. Um grupo de pais se reuniu na Creche e começou a pensar no destino dos seus filhos após a saída da Creche. Onde eles continuariam seus estudos? Como fugir dos altos custos das escolas particulares sem diminuir a qualidade da Educação das crianças? E por que não uma Cooperativa Educacional, que possa responder estas questões e ainda ser um modelo de eficiência e qualidade na área educacional e estar em sintonia com a proposta pedagógica da Creche.

Pretendemos construir esta Escola com a ajuda da ASFOC, da Presidência e de todo mundo que queira nos auxiliar, estamos abertos a todo tipo de informação e toda contribuição será bem vinda. Pensamos em criar um colégio de excelência dentro do campus da Fiocruz e temos a consciência que temos que trilhar um longo caminho. A CEFOC já está registrada na Junta Comercial, finalmente temos o CNPJ e somos uma cooperativa constituída, estamos filiados a OCERJ (Organização das Cooperativas do Estado do Rio de Janeiro). Contamos atualmente com aproximadamente 95 cooperados e estamos fazendo uma divulgação maior da cooperativa, tentando aumentar a adesão e atingir a meta de 500 cooperados.

Qual o relacionamento da CEFOC, hoje em dia, com a presidência da Fiocruz e com a ASFOC, que tipo de apoio vocês esperam obter?

Coincidentemente, quando surgiu a cooperativa, estava se instaurando o processo eleitoral na Fiocruz. Nos procuramos os quatro candidatos e todos assumiram o compromisso, caso eleitos, de implementar a cooperativa. Particularmente, o Dr. Paulo Buss, que era o Diretor da minha Unidade, além de nos apoiar ele nos deu o caminho, em relação a linha de financiamento do Banco do Brasil e de como se estruturava uma cooperativa, nos agradecemos muito essa valiosa orientação inicial. No debate de candidatos na tenda da ciência, ele deixou claro que considerava a cooperativa uma idéia viável, a construção de uma escola de ensino fundamental poderia representar até um ganho indireto de salário para os trabalhadores da Fiocruz.

Estamos ainda preparando um relatório, solicitado pela própria Presidência da Fiocruz, fundamentando a documentação para ser analisada no CD Fiocruz e temos o prazer de esclarecer qualquer questão relacionada a nossa cooperativa, assim como foi feito no Grupão da ASFOC.

Em relação à ASFOC, eu brinquei com o pessoal da Diretoria, fazendo uma alusão ao painel da Av. Brasil, dizendo que "talvez vocês não saibam, mas vocês carregam a CEFOC dentro da ASFOC". Acreditamos que a CEFOC deveria funcionar como um braço social da ASFOC. Acho que as associações mais modernas, além da luta sindical, têm uma forte articulação com o social. Educação com qualidade deve ser uma premissa de qualquer associação. Reconheço que ainda falta que a idéia do cooperativismo educacional seja mais debatida e aprofundada, temos que reunir todas as inteligências em torno dela para que se viabilize.

Agradeço ao Jornal da ASFOC pelo espaço para a CEFOC apresentar suas idéias, isto só ajuda a democratizar a discussão e acho também que foi muito rico nosso debate junto com o Grupão, já estávamos bastante adiantados do ponto de vista jurídico, mas a discussão com o Grupão nos ajudou a amadurecer politicamente.

As reuniões do Grupão da ASFOC têm sempre o objetivo de ampliar a discussão de temas importantes para a nossa comunidade. No dia 8 de junho, o Grupão foi convocado para discutir a iniciativa de alguns servidores que fundaram a Cooperativa Educacional de Funcionários da Fiocruz (CEFOC) para criação de uma escola de ensino fundamental. Na reunião surgiram questionamentos importantes, entre eles, a validade de mais uma iniciativa privada no campus da Fiocruz.

No entanto, diante da precariedade do ensino fundamental, sobretudo na rede pública, a ASFOC considera a idéia legítima. Pensamos porém que ela não substitui a necessidade de lutarmos por uma educação de qualidade acessível a toda população. Ao publicar esta entrevista com Pedro Teixeira*, pesquisador da Ensp e presidente da CEFOC, a ASFOC espera contribuir para o amadurecimento dessa idéia no conjunto dos servidores.



Diretoria da CEFOC entrega ao Presidente Paulo Buss, o documento solicitando a cessão do terreno para a escola.

Na reunião com o Grupão da ASFOC ficou clara uma preocupação com a questão de os servidores da Fiocruz, ao criarem uma cooperativa educacional, estarem abdicando da luta por melhores condições de educação para a população de um modo geral, tomando uma atitude, vamos dizer, individualista, para resolver um problema que é da sociedade como um todo. Como você responde a essa preocupação?

Essa preocupação da ASFOC é lícita, mas não estamos querendo resolver isso de um ponto de vista individual, acreditamos que se nossa escola de ensino fundamental der certo, e temos a certeza que vai dar certo, nossa principal preocupação será com um modelo pedagógico consistente e tendo no seu currículo a preocupação com a cidadania, acreditamos estar contribuindo para a criação de um modelo educacional que pode ser utilizado em outras Instituições.

Fazendo uma analogia com o Fio-Saúde, os quadros da Fiocruz se mobilizaram para criar o SUS e hoje, isso parece uma contradição, mas temos um plano de saúde privado de excelente qualidade e que todos os funcionários utilizam e nem por isso deixamos de lutar por me-

lhores condições de saúde para a população. Também por essa linha, acreditamos que podemos ser diferentes, criando uma cooperativa educacional com a marca de qualidade da Fiocruz e continuar na luta por melhores condições na Educação.

Outra questão polêmica na reunião com o Grupão da ASFOC foi a da cessão de terreno público para uma atividade que tem um caráter particular, por mais que seja uma iniciativa de servidores. Isso é legal, que tipo de amparo vocês têm para continuarem reivindicando isso?

Quando entregamos o documento ao Dr. Paulo Buss, solicitando a cessão do terreno, nossa primeira preocupação foi com a legalidade. Existe uma lei que ampara isso (Decreto-Lei nº 9760, de 15 de setembro de 1946 - Que dispõe sobre Imóveis da União), para fins educacionais então acho que estaria coberto. Na Fiocruz já existem dois casos de cessão, não para fins educacionais, como são os casos do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, que, mesmo sendo Instituições ligadas ao governo federal, são duas empresas que utilizam o espaço da Fiocruz.

É lógico que a cooperativa pode ser considerada comercial, até por que ela é registrada em uma Junta Comercial. Mas se considerarmos o que ela pode proporcionar de tranqüilidade e segurança para o conjunto dos servidores que tem filhos em idade escolar, se você analisar a relação custo benefício, ela é muito vantajosa para a Fiocruz e para os servidores, sobretudo dentro de uma política de ganhos sociais.

Além disso, queremos deixar bem claro, e estamos fazendo um documento - e convidamos o Departamento Jurídico da ASFOC e a Procuradoria da Fiocruz para nos auxiliar - onde vamos nos comprometer a não colocar nenhuma atividade comercial e privada dentro da nossa cooperativa. É bom ressaltar também, que só queremos a cessão do terreno, contas como água; luz e telefone, tudo isso vai ser mantido pelos próprios cooperados.

Queremos o terreno dentro da Fiocruz por uma questão estratégica e de segurança. Poderíamos até tentar comprar um terreno fora, mas acreditamos que a cessão do terreno é realmente a melhor alternativa, mesmo sem ter o amparo legal da creche, a questão da construção da Escola poderia ser uma luta - que até a ASFOC poderia encabeçar - para a melhoria da qualidade de ensino para os dependentes dos servidores.

Ressaltamos que se, por algum motivo, a cooperativa quebrar financeiramente, assumimos o compromisso, por escrito, de devolver a cessão do terreno e doar seu patrimônio à Fiocruz. Também não vai ser permitido terceirizar a escola, por exemplo, fazer um contrato com uma Escola privada. Pretendemos fazer um concurso público - com um colegiado formado por membros com notório saber, da Fiocruz e de outras instituições ligadas à área educacional - para escolher o quadro de professores que vão atuar nessa escola.

Além disso, é interessante colocar que a cooperativa, de forma direta, vai gerar emprego em um país que tem uma recessão incrível e que tem uma grande dificuldade de oferecer empregos.

* A diretoria da CEFOC é composta ainda por:

Rosaura De Farias Presgrave, Sonia Aparecida F. Pinho, Rogéria Leite Pelegrino Pinho, Célia Regina de Andrade e Eduardo Dias Wermelinger.

Contatos com a CEFOC podem ser feitos pelo telefone 598-4221 e pelo e-mail: pteixeir@ensp.fiocruz.br.

Hemorio Conexão 100 Ffiocruz pra você

Sou chefe do Laboratório de Hemoterapia do IFF e li com entusiasmo e curiosidade a informação que a ASFOC apoiava a doação de sangue. Apenas me surpreende a parceria com a Santa Casa, que é um órgão beneficiário, mas tem seu serviço de Hemoterapia terceirizado, e portanto, particular. Eu sugiro uma parceria com o HEMORIO. O HEMORIO é a central de coleta de sangue para todos os hospitais da rede municipal e estadual, e inclusive para os dois hospitais da FIOCRUZ, IFF e Evandro Chagas. O HEMORIO atende todos os dias das 7 às 17h, inclusive sábado, domingo e feriados. Abraço
Cristina Pessoa – IFF

Bravo ASFOC!!

Como é o apoio? Vocês organizam grupos e providenciam o transporte? Caso afirmativo, pode me incluir. Sou RH Negativo(O).

Ana Célia Pessoa – ENSP

O melhor lugar para campanhas de doação de sangue é o HEMORIO. Parabéns pela iniciativa.
Cynthia Magluta – IFF

Caros amigos, fui uma das pessoas que se manifestou a favor de que o esforço de captação de doadores da ASFOC fosse dirigida ao Hemorio e não a Santa Casa. Discordo, entretanto, com o tom preconceituoso em relação aquele serviço, que por "ser particular" "visa lucro". A doação de sangue, seja para um centro público ou privado, favorece sempre mais ao paciente de que dele precisa. E é sempre algo que deve ser incentivado e valorizado. Sem doador não há transfusão, nem pública nem privada. E o lucro faz parte do sistema econômico que nos rodeia. Quem nos prejudica são aqueles que usam o dinheiro público para benefícios próprios e não alguém que empresaria uma atividade particular honestamente. Nós, filiados da FIOPREV, nos servimos desses serviços privados quando internados em hospitais conveniados. Portanto, não haveria nada de errado apoiarmos a Santa Casa em alguma demanda específica para um colega doente. Mas no caso de uma campanha anônima, acho mais adequado fazermos para o HEMORIO. Deste modo, nós estaremos sendo mais altruístas ainda, pois, em geral, não usamos a rede pública, salvo em acidentes. E é exatamente este o espírito que deve ser desenvolvido institucionalmente, na minha opinião. O da doação voluntária, sistemática e comprometida com o bem estar geral. Abraço

Cristina Pessoa – IFF

Sou doadora e já tinha preenchido a ficha para entregá-la nesta Direção, mas visto isso, vou aguardar mais um pouco. Gostaria de sugerir que, quando vocês entrassem em contato com outras instituições como o HEMORIO, perguntassem se não ficaria mais fácil eles virem aqui, como já aconteceu antes. Na minha opinião, assim fica muito mais fácil dos funcionários doarem sangue, pois eu, por exemplo, nunca mais doe por falta de tempo de ir até lá, às vezes esquecimento, etc. Só quando algum conhecido precisa é que vou lá. Então fica aí a minha sugestão.

Rogéria Pinho – CPqHEC



Doe Vida. Doe Sangue.
Campanha ASFOC/Hemorio

As fichas de cadastro para doação de sangue para o Hemorio já estão disponíveis na secretaria e no site da ASFOC. A campanha está prevista para o dia 25 de julho, na Tenda Ciência em Cena, mas é necessário que, no mínimo, 80 doadores estejam cadastrados até dia 20 de julho.

A UNIFOC é testemunha da eficácia das informações contidas no Conexão. Nossos associados, através de uma parceria salutar com a ASFOC, têm a oportunidade de, mesmo distante do Campus de Manguinhos, receberem as informações diretas num curto espaço de tempo.

Ao parabenizarmos o Departamento de Jornalismo, pela centésima edição do Conexão, não poderíamos deixar de louvar todos os esforços e sacrifícios da ASFOC em criar e manter uma chama tão acesa e atuante como é o Conexão.

Antonio Humberto da Costa –
Diretor Administrativo e Financeiro da UNIFOC

Nossos parabéns por este marco: 100 edições do Conexão Asfoc. A construção de um serviço público de qualidade passa pela democratização da informação. O papel da Asfoc tem sido bem divulgado através de uma Comunicação engajada e atuante.

Carlos Magno Ramos –
Diretor-Superintendente/FioPrev

Apagão

As instituições como as pessoas tendem a se desenvolver nas crises, isto porque em toda crise estão embutidos dois fatores que concorrem para a transformação da realidade. Realidade esta geradora ou não desta crise. O primeiro aspecto se relaciona a uma modificação de comportamento e o segundo a possibilidade da concessão.

A recente crise energética trouxe a tona estes elementos, um fundamental para as futuras gerações, relacionado a conservação dos recursos naturais, visto que, historicamente, vivemos imersos em uma cultura do desperdício, sustentada pela falsa impressão da inesgotabilidade de nossos recursos. No entanto, o segundo aspecto relativo as concessões necessárias para atenuar os efeitos da crise tem demonstrado a face mais arbitrária e bisonha de algumas instituições, entre elas a própria FIOCRUZ.

No nível Federal, orquestrado por um Governo comprometido com os interesses do grande capital, não causa espanto a covardia com que foi tratado o consumidor residencial, que consome menos de um quarto da energia produzida e é responsável por pagar metade do que se arrecada.

Causam sim espanto e indignação as concessões que os responsáveis pelas diversas Unidades da FIOCRUZ arbitraram ou, em última estância, acatarem como cordeiros. Seguindo o lamentável exemplo do Governo Federal, resolveram a toque de caixa, colocar na mesma pipa a burocracia, a produção de medicamentos, a produção de vacinas e a pesquisa, entre outros segmentos com naturezas tão distintas, racionando assim de forma linear o consumo de energia.

Mesmo considerando a urgência de medidas, estas poderiam ser tomadas de forma consensual. O consenso, aliás, foi feito para

permitir a gestão pacífica dos antagonismos. É importante lembrar aos Gestores da FIOCRUZ que, há três anos, Furnas, com um endividamento baixíssimo, foi impedida de investir na geração de energia para favorecer o superávit primário do Governo, logo, por efeito em cascata, a população além de ser o alvo preferido para as ações de racionamento terá retardado o desenvolvimento de sua qualidade de vida, isto enquanto se acreditar que a FIOCRUZ tem um papel neste processo.

Em uma linha mais direta de raciocínio, teríamos uma população duplamente sacrificada para sustentar a vaidade e arrogância de um príncipe e de sua corte de plutocratas insensíveis. Isto com a anuência expressa através do silêncio plácido daqueles que foram eleitos pelos seus pares para pensar a saúde da população. Vale lembrar que o oprimido que se cala frente a opressão, não é oprimido é cúmplice. Não é difícil imaginar como serão os futuros relatórios de pesquisa para as agências de fomento, que sustentam uma parte significativa da mão de obra desta instituição.

Talvez a crise nos obrigue a repensar processos de análise que atualmente demandam doze a quatorze horas de serviço ininterruptos, talvez possamos otimizar nosso processos de produção de medicamentos e vacinas para se adequar ao horário imposto sem diminuirmos a produção, afinal o desenvolvimento nasce da crise. Contudo vale dizer que a falta de luz também significou a falta de clareza e, como dizia Sérgio Macknival, "... é preferível ser uma fera tentando ser humano do que ser cordeiro seguindo o rebanho e que na impossibilidade de ser humano está condenado a ser perpetuamente uma fera."

Jefferson J. O. Silva – CESTEJH



Foto: Gulemberg Brito

"Minhas congratulações a toda a equipe da ASFOC pelo seu desempenho e contribuição para o bom êxito do *Fiocruz pra você*".

Paulo Buss – Pres. da Fiocruz, em carta agradecendo a participação da ASFOC

Festa do Trabalhador

Venho externar minha satisfação com a organização e implementação da melhor festa, coordenada pela ASFOC, que já participei.

Devo ressaltar a excelente escolha do Geraldinho e o clima que se formou ao redor do palco. Há muito tempo, não vivia um momento tão especial de união e sintonia entre meus companheiros, trabalhadores desta casa e, um profundo orgulho de ser FIOCRUZ.

Senti-me privilegiado por estar participando de uma coletividade que luta por seus direitos, não se abate diante das dificuldades e apesar de tudo, não perde a alegria e a vontade de seguir em frente fazendo-se ouvir.

Poderia continuar escrevendo inúmeros elogios, mas creio não ser necessário, uma vez que os vi também aproveitando os momentos mágicos da festa e sobretudo, sentindo e compartilhando sentimentos numa atmosfera que gostaria que se repetisse muitas vezes.

Parabéns, Parabéns e Parabéns. Obrigado por perseverarem na luta que é de todos nós.

Antônio Gomes Pinto (Tuninho) – Bio-Manguinhos

“ Movimento é igual a vida ”

O programa de atividades físicas e bioenergéticas, baseado em posturas do hata-yoga e na terapia bioenergética de Lowen, é utilizado para promover a saúde das pessoas. Na Fiocruz, Afonso César Braga Woymes desenvolve o programa há quatro anos e já colhe os frutos do trabalho com reconhecimento dos frequentadores, que revelam um estado geral de saúde muito melhor depois que começaram a participar das atividades. Através desta prática - que reúne em média 40 pessoas por dia, no gramado do Politécnico - os participantes conseguem desbloquear determinados canais de energia no organismo, melhorando sua saúde. São moradores de comunidades entorno da Fiocruz, em sua maioria mulheres da terceira idade que vêm em busca de melhor qualidade de vida através do exercício.

Como surgiu este trabalho?

Esse projeto surgiu de uma demanda do Centro de Saúde que queria promover atividades físicas e me perguntaram se poderia ensinar alguma coisa neste contexto. Como eu tinha uma prática grande em Yoga, em exercícios físicos e de relaxamento, além de formação em bioenergética, disse que poderia ajudar e comecei a fazer esse trabalho duas vezes por semana. Agora nos encontramos três vezes por semana, de 8 às 9 horas. Começamos com um grupo de 10 a 15 pessoas, que não era direcionado apenas para idosos, mas foram as pessoas dessa faixa etária, mais do que qualquer outra, que vieram para as aulas. Depois de um tempo foram chegando as pessoas mais novas. É um grupo formado principalmente por mulheres, na maioria donas de casa.

Porque você acha que a maioria é de mulheres?

Acho que é uma questão cultural. Os maridos estão na rua fazendo alguma atividade e as mulheres trabalham em casa ou na casa de outras pessoas. Como uma dona de casa muitas vezes tem possibilidade de trabalhar meio período, acho que é esta a explicação para o número maior de mulheres. Além disso, acho que as mulheres estão muito mais voltadas para estas atividades. Talvez, se fosse num ambiente fechado, pudesse até ter mais homens, acho que eles são muito envergonhados.

Quais são seus planos para o projeto?

Tentar diversificar mais essas atividades. Meu objetivo é dar subsídios para a transformação das pessoas. Se elas puderem ter consciência de que o movimento é igual a vida e rigidez é igual a morte, vão entender que quanto mais movimentos fizerem mais maleabilidade terão, não só física, de articulações e músculos, mas também no caráter, flexibilidade de decisões. A pessoa que começa a treinar o equilíbrio físico, paralelamente começa a ter mais equilíbrio emocional também.

O organismo é um todo - embora exista essa divisão, talvez pedagógica, entre mente e corpo - é algo integrado. Uma coisa não funciona sem a outra. A emoção, que também é tratada como se fosse separada do organismo, tem toda uma influência nos órgãos, na pele, nos músculos e é muito mais difícil você trabalhar a mente diretamente, com terapias psicológicas, psiquiátricas. É mais fácil, mais imediato, você trabalhar o corpo. Através de uma atividade física, principalmente pelos exercícios de respiração, você

Foto: André Telles



consegue um equilíbrio emocional melhor. Quando estamos nervosos respiramos de uma forma, quando estamos agressivos ou tristes respiramos de outra. Então, se você perceber isso, através de um exercício em que obtenha um melhor controle da respiração, vai notar que quando estiver em situações de estresse, vai saber lidar melhor com essas situações.

É por isso que essa é uma atividade transformadora do ser humano. Tem pessoas que melhoram suas tristezas, as suas depressões, como também sua rigidez muscular, enfim. Eu quero diversificar mais esse trabalho, trazer outras técnicas, só que a mudança tem que ser lenta porque essas pessoas ainda estão muito cruas e ao mesmo tempo, na mai-

oria das vezes, são pessoas idosas. Então tem que ser uma coisa bem devagar, bem lenta.

Quais seriam as outras técnicas?

Dentro da própria yoga tem posturas mais complexas que as pessoas ainda não conseguem realizar. Até mesmo as mais comuns, a maioria das pessoas tem dificuldades. Nessa questão do equilíbrio, por exemplo (embora você possa observar que tem pessoas idosas que estão muito bem nesta parte). Como é uma atividade aberta, saem e entram pessoas. Só as que percebem o benefício desta atividade, as que incorporam isso, ficam e vão, cada vez mais, se aprimorando, melhorando. É uma atividade sem rigidez, muitas vezes nós brincamos. Não me coloco numa postura de professor, me coloco numa postura de facilitador, estou ali para dividir um aprendizado. O ser humano precisa muito é disso, dividir aprendizado, não se colocar numa postura de reter. Essa retenção do aprendizado, embora gere algum poder, o poder do conhecimento, também gera a vaidade, a competição. Acho que isso faz com que ninguém cresça, isso só empobrece as pessoas.

A gente tem um projeto que eu não sei se um dia irá se realizar, mas e de ter uma oficina para que as pessoas da comunidade tragam o que sabem fazer. Por exemplo: tem uma senhora que faz um bolo fantástico, raro, uma receita maravilhosa. Nessa oficina ela vai trazer a receita, os ingredientes e vai ensinar as pessoas a fazerem. E cada um que sabe fazer uma coisa muito bem vai trazer isso, vai fazer e compartilhar com os outros. Acho isso uma coisa legal por que gera integração, amizade, gera carinho e respeito pelo outro. É esse o nosso objetivo. Integrar as pessoas, fortalece-las e torná-las uma família alegre e democrática.

Existem outros projetos para o futuro nessa área?

Ainda não tem uma data precisa, mas vamos começar a fazer pesquisa desta atividade para provar cientificamente que o exercício físico beneficia não só o organismo, que ele traz bem estar físico, mas um também emocional. Então aí vamos pensar um modo de como dirigir essa pesquisa. Este é um projeto para o futuro.

Afonso César Braga Woyames é Coordenador do Programa de Atividades Físicas e Bioenergéticas do Centro de Saúde Escola Germano Sival Faria/ENSP e membro da diretoria da ASFOC.

Bioenergética melhora a qualidade de vida

Por diversos motivos dezenas de pessoas comparecem todas as segundas, quartas e sextas à atividade bioenergética. São pessoas de vários bairros vizinhos que têm nesta prática a solução para diferentes males.

Maria José Davi, 83 anos, moradora do Jacarezinho, não conseguia mover-se e após um ano e três meses sente a diferença. "Sentava-me no chão e não levantava, não conseguia levar as mãos à cabeça. Mas hoje já lavei roupa", conta testando seus movimentos, agora sem dor. Jossenia Lima da Silva, 40 anos, moradora da Vila dos Pinheiros, está no projeto há um ano e quatro meses e já trabalha auxiliando nas palestras e na oficina de artes para hipertensos. Antônio Augusto, de 69 anos e morador de Manguinhos, tinha problemas de coluna, depois de um ano na atividade comemora: "Agora não sinto mais nada", contando que também faz parte do Coral dos Idosos.

Não são apenas problemas de coluna que trazem a comunidade para a Fiocruz. A moradora de Manguinhos, Diolinda da Silva, 30 anos, tinha depressões, mas depois de cinco meses que pratica a bioenergética, diz estar "cheia de vontade de viver". Algumas vezes, ela traz consigo a filha, Suyene da Silva Nascimento, de 5 anos " que adora vir quando não tem aula", disse.

Lino de Campo Lima, 38 anos, já tornou-se facilitador depois de 4 anos frequentando as aulas. Porteiro noturno em Laranjeiras, ele vem do trabalho direto para ensinar. Nas sextas-feiras, substitui César na Fiocruz, às terças e quintas leciona para os internos do Abrigo Cristo Redentor como voluntário. "Só durmo depois do almoço", conta orgulhoso.

Foto: André Telles



Cheia de vontade de viver: Diolinda e sua filha Suyene participam do grupo de bioenergética